

JORNAL DAS FAMILIAS



A VIDA ETERNA.



opinião unanime que não ha estado comparavel áquelle que nem é somno nem vigilia, quando, desafogado o espirito de afflicções, procura algum repouso ás lides da existencia. Eu de mim digo que ainda não achei hora de mais prazer, sobretudo quando tenho o estomago satisfeito e aspiro a fumaça de um bom charuto de Havana.

Depois de uma ceia copiosa e delicada, em companhia do meu excellente amigo o Dr. Vaz, que me appareceu em casa depois de dous annos de ausencia, fomos eu e elle para a minha alcova, e ahi entrámos a fallar de cousas passadas, como dous velhos para quem já não tem futuro a grammatica da vida.

Vaz estava assentado n'uma cadeira de espaldar, toda forrada de couro, igual ás que ainda hoje se encontram nas sacristias; e eu estendi-me em um sofá tambem de couro. Ambos fumavamos dous excellentes charutos que me haviam mandado de presente alguns dias antes.

A conversa, pouco animada ao principio, foi esmorecendo cada vez mais, até que eu e elle, sem deixarmos o charuto da boca, cerrámos os olhos e entrámos no estado a que alludi acima, ouvindo os ratos que passeavam no forro da casa, mas inteiramente esquecidos um do outro.

Era natural passarmos d'alli ao somno completo, e eu lá chegaria, se não ouvisse bater á porta tres fortissimas pancadas. Levantei-me sobresaltado; Vaz continuava na mesma posição, o que me fez suppôr que estivesse dormindo, porque as pancadas devião ter-lhe produzido a mesma impressão se elle se achasse meio acordado como eu.

Fui ver quem me batia á porta. Era um sujeito alto e magro embuçado em um capote. Apenas lhe abri a porta, o homem entrou sem me pedir licença, e nem dizer cousa nenhuma. Esperei que me expuzesse o motivo da sua visita, e esperei debalde, porque o desconhecido sentou-se commodamente n'uma cadeira, cruzou as pernas, tirou o chapéo e começou a tocar com os dedos na copa do dito chapéo uma cousa que eu não pude saber o que era, mas que devia ser alguma symphonia de doudos, porque o homem parecia vir direitinho da praia Vermelha.

Relanceei os olhos para o meu amigo, que dormia a somno solto na cadeira de espaldar. Os ratos continuavão a sua saturnal no forro.

Conservei-me de pé durante poucos instantes a ver se o desconhecido se resolvia a dizer alguma cousa, e durante esse tempo, apesar da impressão desagradavel que o homem produzia em mim, examinei-lhe as feições e o vestuario.

Já disse que vinha embrulhado em um capote; ao sentar-se, abrio-se-lhe o capote, e vi que o homem calçava umas botas de couro branco, vestia calça de panno amarello e um collete verde, côres estas que, se estão bem n'uma bandeira, não se póde com justiça dizer que adornem e aformosêem o corpo humano.

As feições erão mais estranhas que o vestuario. Tinha os olhos vesgos, um grande bigode, um nariz á moda de Cesar, boca rasgada, queixo saliente e beiços rôxos. As sobrancelhas erão fartas, as pestanas longas, a testa estreita, coroando tudo uns cabellos grisalhos e em desordem.

O desconhecido, depois de tocar a sua musica na copa do chapéo, levantou os olhos para mim, e disse-me :

— Sente-se, meu rico senhor !

Era atrevimento receber eu ordens em minha propria casa. O meu primeiro dever era mandar o sujeito embora; comtudo, o tom em que elle fallou era tão intimativo que eu insensivelmente obedeci e fui sentar-me no sofá. D'ahi pude ver melhor a cara do homem, á luz do lampeão que pendia do tecto, e achei-a peor do que antes.

— Chamo-me Tobias e sou formado em mathematicas.

Inclinei-me levemente.

O desconhecido continuou :

— Desconfio que hei de morrer amanhã; não se espante; tenho certeza de que amanhã vou para o outro mundo. Isso é o menos; morrer é dormir, *to die, to sleep*; entretanto, não quero ir d'este mundo sem cumprir um dever imperioso e indispensavel. Veja isto.

O desconhecido tirou do bolso um quadrinho e entregou-m'o. Era uma miniatura; representava uma moça formosissima de feições. Restitui o quadro ao meu interlocutor esperando a explicação.

— Esse retrato, continuou elle olhando para a miniatura, é de minha filha Eusebia, moça de vinte dous annos, senhora de uma riqueza igual á de um Cresso, porque é a minha unica herdeira.

Eu me espantaria do contraste que havia entre a riqueza e a apparencia do desconhecido se não tivesse já a convicção de que tratava com um doudo. O que eu estava a ver era o meio de pôr o homem pela porta fóra; mas confesso que receiava algum conflicto, e por isso esperei o resultado d'aquillo tudo.

Entretanto perguntava a mim mesmo como é que os meus escravos deixárão entrar um desconhecido até a porta do meu quarto, apezar das ordens especiaes que eu havia dado em contrario. Já eu calculava mentalmente a natureza do castigo que lhes daria por causa de tamanha incuria ou complicitade, quando o desconhecido atirou-me estas palavras á cara :

— Antes de morrer quero que o senhor se case com Eusebia; é esta a proposta que venho fazer-lhe; sendo que, no caso de aceitar o casamento, já aqui lhe deixo este maço de notas do banco para alfinetes, e no caso de recusar mando-lhe simplesmente uma bala á cabeça com este revolver que aqui trago.

E pôz sobre a mesa o maço de bilhetes do banco e o revolver engatilhado.

A scena tòmava um aspecto dramatico. O meu primeiro impeto foi acordar o Dr. Vaz, a ver se ajudado por elle punha o homem pela porta fóra; mas receiei, e com razão, que vendo um gesto meu n'esse sentido, o desconhecido executasse a segunda parte do seu discurso.

Só havia um meio : ladear.

— Meu rico Sr. Tobias, é inutil dizer-lhe que eu sinto immensa satisfação com a proposta que me faz, e está longe de mim a idéa de recusar a mão de tão formosa creatura, e mais os seus contos de réis. Entretanto, peço-lhe que repare na minha idade; tenho setenta annos; a Sra. D. Eusebia apenas conta vinte dous. Não lhe parece um sacrificio sto que vamos impôr á sua filha?

Tobias sorriu, olhou para o revolver, e entrou a tocar com os dedos na copa do chapéo.

— Longe de mim, continuei eu, a idéa de offendê-lo; pelo contrario, se eu consultasse unicamente a minha ambição não diria palavra; mas é no interesse mesmo d'essa gentilissima dama, que eu já vou amando apesar dos meus setenta, é no interesse d'ella que eu lhe observo a disparidade que entre nós existe.

Estas palavras disse-as eu em voz alta a ver se o Dr. Vaz acordava; mas o meu amigo continuava mergulhado na cadeira e no somno.

— Não quero saber de sua idade, disse Tobias pondo o chapéo na cabeça e segurando no revolver; o que eu quero é que se case com Eusebia, e hoje mesmo. Se recusa, mato-o.

Tobias apontou-me o revolver. Que faria eu n'aquella alternativa, senão aceitar a moça e a riqueza, apesar de todos os meus escrúpulos?

— Caso! exclamei.

Tobias guardou o revolver na algibeira, e disse:

— Pois bem, vista-se.

— Já?

— Sem demora. Vista-se enquanto eu leio.

Levantou-se, foi á minha estante, tirou um volume de D. Quixote, e foi sentar-se outra vez; e enquanto eu, mais morto que vivo, ia buscar á guarda-roupa a minha casaca, o desconhecido tomou uns oculos e preparou-se para ler.

— Quem é este sujeito que está dormindo tão tranquillo? perguntou elle enquanto limpava os oculos.

— É o Dr. Vaz, meu amigo; quer que lh'o apresente?

— Não, senhor, não é preciso, respondeu Tobias sorrindo maliciosamente.

Vesti-me com vagar para dar tempo a que algum incidente viesse interromper aquella scena desagradavel para mim. Além d'isso, estava tremulo, não atinava com a roupa, nem com a maneira de a vestir.

De quando em quando deitava um olhar para o desconhecido, que lia tranquillamente a obra do immortal Cervantes.

O meu relógio bateu onze horas.

Subitamente lembrou-me que, uma vez na rua, podia eu ter o recurso de encontrar um policial a quem communicaria a minha situação, conseguindo ver-me livre do meu importuno sogro.

Outro recurso havia, e melhor que esse; vinha a ser acordar o Dr. Vaz

na occasião da partida (cousa natural), e ajudado por elle desfazer-me do incognito Tobias.

Effectivamente, vesti-me o mais depressa que pude, e declarei-me ás ordens do Sr. Tobias, que fechou o livro, foi pôl-o na estante, rebuçou-se no capote, e disse :

— Vamos !

— Peço-lhe entretanto para acordar o Dr. Vaz, que não póde ficar aqui, visto que tem de voltar para casa, disse-lhe eu dando um passo para a cadeira onde dormia o Vaz.

— Não é preciso, atalhou Tobias; voltamos dentro de pouco tempo.

Não insisti; restava-me o recurso do policial, ou de algum escravo se pudesse fallar-lhe a tempo; o escravo era impossivel. Quando sahimos do quarto o desconhecido deu-me o braço e desceu comigo rapidamente as escadas até a rua.

A porta de casa havia um carro.

Tobias convidou-me a entrar n'elle.

Não tendo previsto este incidente, senti fraquear-me as pernas e perdi de todo a esperanza de escapar do meu algoz. Resistir era impossivel e arriscado; o homem estava armado com um argumento poderoso; e além d'isso, pensava eu, não se discute com um doudo.

Entrámos no carro.

Não sei quanto tempo andámos, nem por que caminho fomos; calculo que não ficou no Rio de Janeiro canto por onde não passassemos. No fim de longos e afflictivos seculos de angustia, parou o carro diante de uma casa toda illuminada por dentro.

— É aqui, disse o meu companheiro, desçamos.

A casa era um verdadeiro palacio; a entrada era ornada de columnas de ordem dorica, o vestibulo calçado de marmore branco e preto, e illuminado por um magnifico candelabro de bronze de fórma antiga.

Subimos, eu e elle, por uma magnifica escada de marmore, até o topo, onde se achavão duas pequenas estatuas representando Mercurio e Minerva. Quando chegámos alli o meu companheiro disse-me apontando para as estatuas :

— São emblemas, meu caro genro : Minerva quer dizer Eusebia, porque é a sabedoria; Mercurio, sou eu, porque representa o commercio.

— Então o senhor é commerciante? perguntei eu ingenuamente ao desconhecido.

— Fui negociante na India.

Atravessámos duas salas, e ao chegarmos á terceira encontrámos um sujeito velho, a quem Tobias me apresentou dizendo :

— Aqui está o Dr. Camillo da Annuniação; leve-o para a sala dos convidados, enquanto eu vou mudar de roupa. Até já, meu caro genro.

E deu-me as costas.

O sujeito velho, que eu soube depois ser o mordomo da casa, tomou-me pela mão e levou-me a uma grande sala, que era onde se achavão os convidados.

Apezar da profunda impressão que me causava aquella aventura, confesso que a riqueza da casa me assombrava cada vez mais, e não só a riqueza, senão também o gosto e a arte com que estava preparada.

A sala dos convidados estava fechada quando lá chegámos; o mordomo bateu tres pancadas, e veio abrir a porta um lacaio, também velho, que me segurou pela mão, ficando o mordomo do lado de fóra.

Nunca me ha de esquecer a vista da sala apenas se me abrirão as portas. Tudo alli era estranho e magnifico. No fundo, em frente da porta de entrada, havia uma grande aguia de madeira fingindo bronze, encostada á parede, com as azas abertas, e preparando-se como para voar. Do bico da aguia pendia um grande espelho, cuja parte inferior estava presa ás garras, conservando assim a posição inclinada que costuma ter um espelho de parede.

A sala não era forrada de papel, mas de seda branca, o tecto artisticamente trabalhado; grandes candelabros, magnifica mobilia, flôres em profusão, tapetes, tudo emfim quanto o [luxo e o gosto suggerem ao espirito de um homem rico.

Os convidados erão poucos, e não sei por que coincidencia, erão todos velhos, como o mordomo e o lacaio, e o meu proprio sogro; finalmente velhos como eu também.

Introduzido pelo criado, fui logo cumprimentado pelas pessoas presentes com uma attenção que me dispôz logo o animo a querer-lhes bem.

Sen-tei-me n'uma cadeira, e vierão reunir-se em roda de mim, todos risonhos e satisfeitos por ver o genro do incomparavel Tobias. Era assim que chamavão ao homem do revolver.

Acudi como pude ás perguntas que me fazião, e parece que todas as minhas respostas contentavão aos convidados, porquanto de minuto a minuto chovião sobre mim louvores e cumprimentos.

Um dos convidados, homem de setenta annos, condecorado e calvo, disse com applausos geraes :

— O Tobias não podia encontrar melhor genro, nem que andasse com

uma lanterna por toda a cidade, que digo? por todo o imperio; vê-se que o Dr. Camillo da Annuniação é um perfeito cavalheiro, notavel por seus talentos, pela gravidade da sua pessoa, e emfim pelos admiraveis cabellos brancos que lhe adornão a cabeça, mais feliz do que eu que os perdi ha muito.

Suspirou o homem com tamanha força que parecia estar nos arrancos da morte. A assembléa cobrio de applausos as ultimas palavras do orador.

Articulei um agradecimento, e preparei immediatamente os ouvidos para responder a outro discurso que me foi dirigido por um coronel reformado, e outro finalmente por uma senhora que, desde a minha entrada, não tirava os olhos de mim.

— Sra. condessa, disse o coronel quando a senhora acabou de fallar, confesse V. Ex. que os rapazes de hoje não valem este respeitavel ancião, futuro genro do incomparavel Tobias.

— Valem nada, coronel! Em materia de noivos só o seculo passado os fornece capazes e bons. Casamentos de hoje! Abrenuncio! Uns peraltas todos pregadinhos e esticados, sem gravidade, sem dignidade, sem honestidade!

A conversa assentou toda n'este assumpto. O seculo dezenove soffreu alli um vasto processo; e (talvez preconceito de velho) fallavão tão bem n'aquelle assumpto, com tanta discrição e acerto, que eu acabei por admiral-os.

No meio de tudo, estava ancioso por conhecer a minha noiva. Era a ultima curiosidade; e se ella fosse, como eu imaginava, uma belleza, e além do mais riquissima, que poderia exigir da sorte?

Aventurei uma pergunta n'esse sentido a uma senhora que se achava ao pé de mim e em frente á condessa. Disse-me ella que a noiva estava no toucador, e não tardava muito que eu a visse. Accrescentou que era linda como o sol.

Entretanto decorrêra uma hora, e nem a noiva, nem o pai, o incomparavel Tobias, apparecia na sala. Qual seria a causa da demora do meu futuro sogro? Para vestir-se não era preciso tanto tempo. Eu confesso que, apezar da scena do quarto e das disposições em que vi o homem, estaria mais tranquillo se elle estivesse presente. É que ao velho já eu tinha visto em minha casa; habituára-me aos seus gestos e discursos.

No fim de hora e meia abrio-se a porta para dar entrada a uma nova visita. Imaginem o meu pasmo quando dei com os olhos no meu amigo Dr. Vaz! Não pude abafar um grito de surpresa, e corri para elle.

— Tu aqui!

— Ingrato ! respondeu sorrindo o Vaz, casar e não convidas ao teu primeiro amigo. Se não fosse esta carta ainda eu lá estaria no teu quarto á espera.

— Que carta? perguntei eu.

O Vaz abriu a carta que trazia na mão e deu-me para ler, enquanto os convidados de longe contemplavão a scena inesperada , tanto por elles como por mim.

A carta era de Tobias, e participava ao Vaz que , tendo eu de casar-me n'aquella noite , tomava elle a liberdade de convidal-o , na qualidade de sogro, para assistir á cerimonia.

— Como vieste ?

— Teu sogro mandou-me um carro.

Aqui fui obrigado a confessar mentalmente que o Tobias merecia o titulo de incomparavel, como Enéas o de pio. Compreendi a razão por que não quiz que eu o acordasse; era para causar-me a surpresa de vê-lo depois.

Como era natural , quiz o meu amigo que eu lhe explicasse a historia do casamento, tão subito, e eu já me dispunha a isso , quando a porta se abriu e entrou o dono da casa.

Era outro.

Já não tinha as roupas exquisitas e o ar singular com que o víra no meu quarto; agora trajava com aquella elegancia grave que cabe a um velho, e pairava-lhe nos labios o mais amavel sorriso.

— Então , meu caro genro , disse-me elle depois dos cumprimentos geraes, que me diz á vinda do seu amigo ?

— Digo, meu caro sogro , que o senhor é uma perola. Não imaginará talvez o prazer que me deu com esta surpresa, porque o Vaz foi e é o meu primeiro amigo.

Aproveitei a occasião para o apresentar a todos os convidados , que forão de geral accordo em que o Dr. Vaz era um digno amigo do Dr. Camillo da Annunciação. O incomparavel Tobias manifestou o desejo e a esperanza de que dentro de pouco tempo ficaria a sua pessoa ligada á de nós ambos, por modo que fossemos todos designados : os tres amigos do peito.

Bateu meia-noite não sei em que igreja da vizinhança. Ergueu-se o incomparavel Tobias, e disse-me :

— Meu caro genro, vamos cumprimentar a sua noiva ; aproxima-se a hora do casamento.

Levantárão-se todos e dirigirão-se para a porta da entrada , indo na

frente eu, o Tobias e o Vaz. Confesso que, de todos os incidentes d'aquella noite, este foi o que mais me impressionou. A idéa de ir ver uma formosa donzella, na flôr da idade, que devia ser minha esposa, — esposa de um velho philosopho já desenganado das illusões da vida, — essa idéa confesso que me aterrou.

Atravessámos uma sala e chegámos diante de uma porta, meia aberta, dando para outra sala ricamente illuminada. Abrirão a porta dous lacaios, e todos nós entrámos.

Ao fundo, sentada n'um riquissimo divan azul, estava já prompta e deslumbrante de belleza a Sra. D. Eusebia. Tinha eu até então visto muitas mulheres de fascinar; nenhuma chegava aos pés d'aquella. Era uma criação de poeta oriental. Comparando a minha velhice á mocidade de Eusebia, senti-me envergonhado, e tive impetos de renunciar ao casamento.

Fui apresentado á noiva pelo pai, e recebido por ella com uma affabilidade, uma ternura, que acabárão por vencer-me completamente. No fim de dous minutos estava eu cegamente apaixonado.

— Meu pai não podia escolher melhor marido para mim, disse-me ella fitando-me uns olhos claros e transparentes; espero que tenha a felicidade de corresponder aos seus meritos.

Baluciei uma resposta; não sei o que disse; tinha os olhos embebidos nos d'ella. Eusebia levantou-se e disse ao pai:

— Estou prompta.

Pedi que Vaz fosse uma das testemunhas do casamento, o que foi aceito; a outra testemunha foi o coronel. A condessa servio de madrinha.

Sahimos d'alli para a capella, que era na mesma casa, e pouco retirada; já lá se achava o padre e o sacristão. Erão ambos velhos como toda a gente que havia em casa, excepto Eusebia.

Minha noiva deu o *sim* com uma voz forte, e eu com voz fraquissima; parecião invertidos os papeis.

Concluido o casamento, ouvimos um pequeno discurso de padre ácerca dos deveres que o casamento impõe e da santidade d'aquella cerimonia. O padre era um poço de sciencia e um milagre de concisão; disse muito em pouquissimas palavras. Soube depois que nunca tinha ido ao parlamento.

Á cerimonia do casamento seguio-se um ligeiro chá e alguma musica. A condessa dansou um minuete com o velho condecorado, e assim terminou a festa.

Conduzido aos meus aposentos por todos os convidados, soube em

caminho que o Vaz dormiria lá, por convite expresso do incomparavel Tobias, que fez a mesma fineza aos circumstantes.

Quando me achei só com a minha noiva, cahi de joelhos e disse-lhe com a maior ternura :

— Tanto vivi para encontrar agora, já quasi no tumulo, a maior ventura que póde caber ao homem, porque o amor de uma mulher como tu é um verdadeiro presente do céo ! Fallo em amor e não sei se tenho direito de o fazer... porque eu sou velho, e tu...

— Cale-se ! cale-se ! disse-me Eusebia assustada.

E foi cahir n'um sofá com as mãos no rosto.

Espantou-me aquelle movimento, e durante alguns minutos fiquei na posição em que estava, sem saber o que havia dizer.

Eusebia parecia estar chorando.

Levantei-me a final, e acercando-me do sofá, perguntei-lhe que motivo tinha para aquellas lagrimas.

Não me respondeu.

Tive uma suspeita; imaginei que Eusebia amava alguém, e que, para castigal-a do crime d'esse amor, obrigavão-a a casar com um velho desconhecido a quem ella não podia amar.

Despertou-se-me uma fibra de D. Quixote. Era uma victima; cumpria salvá-la. Approximei-me de Eusebia, confiei-lhe a minha suspeita, e declarei-lhe a minha resolução.

Quando eu esperava vê-la agradecer-me de joelhos o nobre impulso das minhas palavras, vi com surpresa que a moça olhava para mim com ar de compaixão, e dizia-me abanando a cabeça :

— Desgraçado ! é o senhor quem está perdido !

— Perdido ! exclamei eu dando um salto.

— Sim, perdido !

Cobrio-se-me a testa de um suor frior; as pernas entrárão a tremer-me, e eu para não cahir assentei-me ao pé d'ella no sofá. Pedi-lhe que me explicasse as suas palavras.

— Porque não ? disse ella; se lh'o occultasse seria complice perante Deos, e Deos sabe que eu sou apenas um instrumento passivo nas mãos de todos esses homens. Escute. O senhor é o meu quinto marido; todos os annos, no mesmo dia e á mesma hora, dá-se n'esta casa a cerimonia que o senhor presenciou. Depois, todos me trazem para aqui com o meu noivo, o qual...

— O qual ? perguntei eu suando.

— Leia, disse Eusebia indo tirar de uma commoda um rôlo de perga-

minho; ha um mez que eu pude descobrir isto, e só ha um mez tive a explicação dos meus casamentos todos os annos.

Abri tremulo o rolo que ella me apresentava, e li fulminado as seguintes linhas:

« Elixir da eternidade, encontrado n'uma ruina do Egypto, no anno de 402. Em nome da aguia preta e dos sete meninos do Septentrião, salve. Quando se juntarem vinte pessoas e quizerem gozar do inapreciavel privilegio de uma vida eterna, devem organizar uma associação secreta, e ceiar todos os annos no dia de S. Bartholomêo, um velho maior de sessenta annos de idade, assado no forno, e beber vinho puro por cima. »

Comprehende alguém a minha situação? Era a morte que eu tinha diante de mim, a morte infallivel, a morte dolorosa. Ao mesmo tempo era tão singular tudo quanto eu acabava de saber, parecia-me tão absurdo o meio de comprar a eternidade com um festim de anthropophagos, que o meu espirito pairava entre a duvida e o receio, acreditava e não acreditava, tinha medo e perguntava porque?

— Essa é a sorte que o espera, senhor!

— Mas isto é uma loucura! exclamei; comprar a eternidade com a morte de um homem! Demais, como sabe que este pergaminho tem relação?...

— Sei, senhor, respondeu Eusebia; não lhe disse eu que este casamento era o quinto? Onde estão os outros quatro maridos? Todos elles penetrarão n'este aposento para sahirem meia hora depois. Alguém os vinha chamar, sob qualquer pretexto, e eu nunca mais os via. Desconfiei de alguma grande catastrophe; só agora sei o que é.

Entrei a passear agitado; era verdade que eu ia morrer? era aquella a minha ultima hora de vida? Eusebia, assentada no sofá, olhava para mim e para a porta.

— Mas aquelle padre, senhora, perguntei eu parando em frente d'ella, aquelle padre tambem é complice?

— É o chefe da associação.

— E a senhora! tambem é complice, pois que as suas palavras forão um verdadeiro laço; se não fossem ellas eu não aceitaria o casamento...

— Ai! senhor! respondeu Eusebia lavada em lagrimas; sou fraca, isso sim; mas complice, jámais. Aquillo que lhe disse foi-me ensinado.

N'isto ouvi um passo compassado no corredor; erão elles naturalmente.

Eusebia levantou-se assustada e ajoelhou-se-me aos pés, dizendo com voz surda:

— Não tenho culpa de nada do que vai acontecer, mas perdôe-me a causa involuntaria!

Olhei para ella e disse-lhe que a perdoava.

Os passos approximavão-se.

Dispuz-me a vender caro a minha vida; mas não me lembrava que, além de não ter armas, faltavão-me completamente as forças.

Quem quer que vinha andando chegou á porta e bateu. Não respondi logo; mas insistindo de fóra nas pancadas, perguntei:

— Quem está ahi?

— Sou eu, respondeu-me Tobias com voz doce; queira abrir-me a porta.

— Para que?

— Tenho de communicar-lhe um segredo.

— A esta hora!

— É urgente.

Consultei Eusebia com os olhos; ella abanou tristemente a cabeça.

— Meu sogro, adiemos o segredo para amanhã.

— É urgentissimo, respondeu Tobias, e para não lhe dar trabalho eu mesmo abro com outra chave que possuo.

Corri á porta, mas era tarde; Tobias estava na soleira, risonho como se fosse entrar n'um baile.

— Meu caro genro, disse elle, peço-lhe que venha comigo á sala da bibliotheca; tenho de communicar-lhe um importante segredo relativo á nossa familia.

— Amanhã, não acha melhor? disse eu.

— Não, ha de ser já! respondeu Tobias franzindo a testa.

— Não quero!

— Não quer! pois ha de ir.

— Bem sei que sou o seu quinto genro, meu caro Sr. Tobias.

— Ah! sabe! Eusebia contou-lhe os outros casamentos; tanto melhor! E voltando-se para a filha, disse com frieza de matar:

— Indiscreta! vou dar-te o premio.

— Sr. Tobias, ella não tem culpa.

— Não foi ella quem lhe deu esse pergaminho? perguntou o Tobias apontando para o pergaminho que eu ainda tinha na mão.

Ficámos aterrados!

Tobias tirou do bolso um pequeno apito e deu um assobio, ao qual respondêrão outros; e d'ahi a alguns minutos estava a alcova invadida por todos os velhos da casa.

— Vamos á festa ! disse o Tobias.

Lancei mão de uma cadeira e ia atirar contra o sogro, quando Eusebia segurou-me no braço, dizendo :

— É meu pai !

— Não ganhas nada com isso, disse Tobias sorrindo diabolicamente ; has de morrer, Eusebia.

E segurando-a pelo pescoço entregou-a a dous lacaios dizendo :

— Matem-a.

A pobre moça gritava, mas em vão ; os dous lacaios levárão-a para fóra, enquanto os outros velhos segurárão-me pelos braços e pernas, e levárão-me em procissão para uma sala toda forrada de preto. Cheguei alli mais morto que vivo. Já lá achei o padre vestido de batina.

Quiz ver antes de morrer o meu pobre amigo Vaz, mas soube pelo coronel que elle estava dormindo, e não sahiria mais d'aquella casa ; era o prato destinado ao anno futuro.

O padre declarou-me que era o meu confessor ; mas eu recusei receber a absolvição do proprio que me ia matar. Queria morrer impenitente.

Deitárão-me em cima de uma mesa atado de pés e mãos, e puzerão-se todos á roda de mim, ficando á minha cabeceira um lacaio armado com um punhal.

Depois entrou toda a companhia a entoar um câro em que eu só distinguia as palavras : *Em nome da aquia preta e dos sete meninos do Septentrião.*

Corria-me o suor em bagas ; eu quasi nada via ; a idéa de morrer era horrivel, apesar dos meus setenta annos, em que já o mundo não deixa saudades.

Parou o câro e o padre disse com voz forte e pausada :

— Attenção ! Faça o punhal a sua obra !

Luzio-me pelos olhos a lamina do punhal, que se cravou todo no coração ; o sangue jorrou-me do peito e inundou a mesa ; eu entre convulsões mortaes dei o ultimo suspiro.

Estava morto, completamente morto, e entretanto ouvia tudo á roda de mim ; restava-me uma certa consciencia d'este mundo a que já não pertencia.

— Morreu ? perguntou o coronel.

— Completamente, respondeu Tobias ; vão chamar agora as senhoras. As senhoras chegarão d'alli a pouco, curiosas e alegres.

— Então ! perguntou a condessa ; temos homem ?

— Eil-o !

As mulheres approximarão-se de mim, e ouvi então um elogio unanime dos cannibae; todos concordarão em que eu estava gordo e havia de ser excellente prato.

— Não podemos assal-o inteiro; é muito alto e gordo; não cabe no forno; vamos esquartejal-o; venhão facas.

Estas palavras forão ditas pelo Tobias, que immediatamente distribuiu os papeis: o coronel cortar-me-hia a perna esquerda, o condecorado a direita, o padre um braço, elle outro, e a condessa, amiga de nariz de gente, cortaria o meu para comer de cabidella.

Vierão as facas, e começou a operação; confessou que eu não sentia nada; só sabia que me havião cortado uma perna quando ella era atirada ao chão com estrepito.

— Bem; agora ao forno, disse Tobias.

De repente ouvi a voz do Vaz.

— Que é isso, ó Camillo, que é isso? dizia elle.

Abri os olhos e achei-me deitado no sofá em minha casa; Vaz estava ao pé de mim.

— Que diabo tens tu?

Olhei espantado para elle, e perguntei:

— Onde estão elles?

— Elles quem?

— Os cannibae?

— Estás doudo, homem!

Examinei-me: tinha as pernas, os braços e o nariz. O quarto era o meu. Vaz era o mesmo Vaz.

— Que pesadelo tiveste! disse elle. Estava eu a dormir quando acordei com os teus gritos.

— Ainda bem, disse eu.

Levantei-me, bebi agua, e contei o sonho ao meu amigo, que rio muito, e resolveu passar a noite comigo. No dia seguinte acordámos tarde e almoçámos alegremente. Ao sahir, disse-me o Vaz:

— Porque não escreves o teu sonho para o *Jornal das Familias*?

— Homem, talvez.

— Pois escreve, que eu o mando ao Garnier.

